

21. A juventude não é o ideal da vida

À luz do que disse ontem, gostaria de dedicar os últimos dois Capítulos à concepção que São Bento tinha da juventude, também para terminar este Curso abrindo-nos conjuntamente à solicitude para com os jovens, sua fé e sua vocação que a Igreja exprimirá no próximo Sínodo dos Bispos.

Como considerava São Bento a juventude, os jovens? É interessante que na Regra o termo “*iuvenis* – jovem” ocorra apenas uma vez, onde se diz que só se deve conceder raramente aos jovens tomar um banho (RB 36,8). Jamais ocorre o termo “*iuventus* – juventude”. Em vez disso, São Bento utiliza frequentemente o comparativo de “*iuvenis*”: “*iunior*”. Parece-me que isto significa que, para Bento, e talvez para toda a época em que vivia, as idades do homem nunca são consideradas em absoluto, como conceitos isolados, mas sempre em relação com as outras idades, e, portanto, a juventude é definida em relação à maturidade e à velhice. Alguém não é “jovem” de per si, mas “mais jovem” que um outro que é mais velho. Isto vale também para os velhos: na Regra ocorre sobretudo o termo “*senior* – mais velho” e só três vezes utiliza-se o termo “*senex* – velho ou ancião”.

Mas independentemente do estudo do vocabulário, parece-me bastante evidente que o ideal humano, segundo São Bento, não é a juventude, mas a velhice. Do conjunto da Regra se depreende que o homem ideal, o monge ideal, não é o jovem, mas o ancião. No capítulo 4, sobre os instrumentos das boas obras, é significativo que São Bento peça para “venerar os mais velhos – *seniores venerare*” e “amar os jovens – *iuniores diligere*” (RB 4,70-71). Os jovens devem ser amados porque têm necessidade de afeição para crescer, um afeto misericordioso pela sua imaturidade e fragilidade. Mas pedindo para “venerar” os mais velhos, São Bento dá a entender que vê no ancião um valor a ser respeitado. Não se trata antes de tudo de amá-los porque suas forças declinam e se tornam sempre mais frágeis, mas de ver neles um tesouro a ser atingido, como um modelo precioso e sacro para o qual os mais jovens devem olhar com frequência.

Por isso, quando na Regra um jovem é valorizado, por exemplo, quando se diz que devem ser convocados todos os irmãos a conselho “porque frequentemente o Senhor revela ao mais jovem a melhor decisão” (RB 3,3), ou quando diz que pode ser eleito abade até mesmo o último na ordem da comunidade (cf. 64,2), não é tanto sua juventude que se põe em valor, mas o fato de que, mesmo sendo jovens, têm um conselho ou uma sabedoria de anciãos, como a Bíblia o diz de Samuel, de Daniel ou do jovem Salomão.

Nós, ao menos no Ocidente, vivemos em uma cultura em que a juventude é apresentada como a idade ou condição que tem valor e, ao contrário, envelhecer é visto como uma perda progressiva de valor. Isto porque o valor mais precioso para a sociedade ocidental, e a cultura globalizada da mídia, é a exterioridade, a aparência, a força e beleza física, a instintividade. Assim, os sentimentos de instabilidade ou insegurança, que na realidade os jovens vivem dramaticamente, até mesmo com sofrimento, a cultura dominante os apresenta como um ideal. Assim a mídia, os filmes, a publicidade propõem essencialmente modelos de adultos que parecem adolescentes, que se comprazem em ser e mostrar-se imaturos. Contudo, nos verdadeiros adolescentes, a imaturidade nos relacionamentos, no conhecimento, no juízo, é, na verdade, um drama, uma condição cheia de tensões, com a necessidade de serem ajudados e acompanhados. A verdadeira crise hoje não está nos jovens, mas nos adultos ou em quem deveria sê-lo.

Nas culturas em que o ancião é venerado, e em que o ancião é “venerável”, isto é, digno de ser considerado como um modelo de maturidade humana, de maturidade interior, nestas culturas também a juventude pode ser vivida melhor, porque não deve ter vergonha de ser imatura, de dever crescer. Onde a velhice, a maturidade é um valor, a juventude pode ser vivida verdadeiramente e vivida como uma aventura, como uma abertura a um valor de si mesmo e de tudo que está adiante e para o qual se está contente de caminhar, de progredir. O Papa Francisco tem razão em recordar continuamente o valor dos avós para o bem das famílias, porque na relação com os mais velhos, as crianças e os jovens encontram o seu lugar, e veem que seu dinamismo espiritual e físico está dirigido para uma beleza que não é aquela que passa, mas a beleza profunda do coração. O jovem, em contato com o ancião, tem a prova de que todas as inseguranças psicológicas, intelectuais e afetivas inerentes a sua idade tem um horizonte, são como riachos na montanha que não estão mal em ser turbulentos, porque estão indo com energia para a vastidão profunda do mar.

Por isso, a melhor maneira de se ocupar dos jovens é procurar valorizar os anciãos e criar uma comunhão entre jovens e anciãos.

Nisto, como em tantos outros aspectos, a Regra de São Bento pode ser um fermento de renovação cultural e social de que o mundo de hoje tem uma necessidade vital. Poder-se-ia dizer que a contribuição de São Bento, que é a contribuição cristã, mas que encontramos em outras tradições religiosas, é de propor-nos um ideal de juventude iluminado pelo ideal da velhice. Não por acaso Gregório Magno inicia sua descrição de São Bento como “um homem de vida venerável (...) que teve desde sua infância um coração de ancião – *ab ipso pueritiae suae tempore cor gerens senile*” (*Diálogos* II, Pról.)

No capítulo 63 da Regra, que trata da ordem que deve ser mantida na comunidade, o tema, no fundo, é o da relação entre os mais jovens e os mais velhos. Antes de tudo, São Bento diz que a ordem de precedência na comunidade não depende tanto da idade, mas do tempo de vivência da própria vocação. Quem entrou antes no mosteiro é mais velho que o que entrou depois, mesmo se, na idade, seja mais jovem. Isto pressupõe que a vida no mosteiro seja um tempo de maturação constante e que a experiência da vida monástica deveria fazer crescer as pessoas.

Aqui São Bento recorda ainda o exemplo dos jovens que eram mais maduros que os anciãos, como “Samuel e Daniel, que, ainda meninos, julgaram anciãos” (RB 63,3; cf. Sm 3 e Dn 13).

São Bento concede contudo ao abade a faculdade de fazer exceções, de colocar na frente, na ordem da comunidade, quem, com juízo fundado, considera mais maduro. É claro que nem todos os mais velhos são necessariamente mais maduros que os mais jovens; isto, ademais, pode-se observar em todas as comunidades. Existem monges e monjas adultos e anciãos que não são maduros no valor de sua experiência e, por isso, mesmo se não se deve faltar com o respeito a sua idade, a “veneração” que pede a Regra para com eles, mesmo sendo caridosa, torna-se formal, sem conteúdo, porque o valor sacral da pessoa não brota dela, não se irradia.

Mas São Bento é otimista, e por isso repete: “Os mais jovens honrem os mais velhos e os mais velhos amem os mais jovens – *iuniores igitur priores suos honorent; priores minores suos diligant*” (RB 63,10). Sabe que mesmo os mais velhos podem tornar-se dignos de veneração se estimulados pelas expectativas que os mais jovens têm em relação a eles.